



Vogal do Fundo Activo de Capital de Risco Angolano garante disponibilidade para apoiar investidores nacionais

TEODORO POULSON

«Precisamos que os projectos nasçam, cresçam e se perpetuem no mercado»

Em entrevista ao NJ, o vogal do Fundo Activo de Capital de Risco fala do trabalho desenvolvido nos cinco anos de existência da instituição e garante apoio às micro, pequenas e médias empresas, mas reconhece a necessidade de financiar mais projectos fora de Luanda para maior representatividade nacional

► **FAUSTINO DIOGO**(textos)
► **QUINTILIANO DOS SANTOS** (fotos)

Qual é o valor actual dos investimentos feitos pelo Fundo Activo de Capital de Risco Angolano (FACRA)?

Temos hoje uma carteira de investimentos que totaliza 22 projectos nestes anos da nossa existência. O FACRA foi criado em 2012 mas o arranque efectivo foi apenas em final de 2013.

Estes 22 projectos aprovados perfazem um montante financeiro um pou-

co acima dos 6,5 biliões de kwanzas e uma estimativa em termos de postos de emprego que podem atingir os 850.

Estes investimentos aprovados já estão em funcionamento?

Temos já alguns projectos em funcionamento e são visíveis. Estamos a falar nos variados sectores da actividade económica, sobretudo no sector produtivo, como o agro-negócio que tem sido o nos-

so principal foco; o sector tecnológico, sem esquecer o sector dos serviços.

Temos tentado aprovar o máximo de projectos possíveis de modo a identificar no seio de outras províncias projectos que possam melhorar o espaço geográfico em que estes se encontram.

A nossa ideia é aumentarmos cada vez mais o número de projectos em que investimos e atingir o maior número de

províncias possíveis para que o Fundo se torne mais nacional.

Os financiamentos são assegurados com dinheiros próprios ou também recorrem à banca?

Estamos dotados de autonomia administrativa e financeira e conseguimos financiar sem qualquer intervenção de outras instituições como a banca comercial.

O FACRA é um fundo público e todo o

Até agora foram disponibilizados 6,5 biliões de KZ em 22 projectos aprovados

projecto co-financiado e investido por nós é decidido cá dentro. Somos responsáveis pela entrega dos planos de negócios desde a fase primária da contratação da operação até à fase do financiamento.

Há valores mínimos exigidos para os projectos serem aprovados?
Nas pequenas e médias empresas o plafond é em função da necessidade do promotor e poderá variar até ao equivalente a oito milhões de dólares, valor que deve corresponder até 49 por cento do valor do projecto. Que por norma é a nossa participação máxima.

Temos ainda um plafond anual de 2 mil milhões de kwanzas para as micro-empresas para os mais variados sectores da economia. Com excepção do sector petrolífero, construção civil e comércio.

Sendo um investimento de grande risco como é que asseguram o retorno deste capital?

O capital de risco consiste num incremento financeiro em contrapartida de uma tomada minoritária da participação social na empresa investida.

Em esta ordem de ideias a nossa saída, em primeira instância, é assegurada pela venda directa da nossa participação ao promotor do negócio. Entramos nos negócios com acordos de saída, ou seja a nossa venda ou saída é fixada na altura do início do projecto.

A percentagem da vossa participação é igual em todos os negócios?

A nossa participação não é fixa. Entramos com até 49 por cento do valor total do projecto. Mas este até 49 por cento pressupõe que se o projecto precisar da nossa participação abaixo deste valor é também possível.

Temos ainda a possibilidade ou flexibilidade de, em projectos que tenham grande impacto para a economia, com grande potencial de crescimento, a nossa participação passar dos 49 por cento. Estou a falar de projectos que permitam a criação de muitos postos de emprego, melhor oferta de bens e serviço nas localidades instalados.

Quais são áreas preferenciais de investimento para o FACRA?

As nossas preferências são as nacionais. As que o Executivo define como prioridades. Estamos a falar daquilo que pode promover a diversificação da economia. E para que esta diversificação seja um facto a nossa aposta recai nos sectores produtivos, no agro-negócio, agro-indústria, sector tecnológico e dos serviços.

O mercado tem maior propensão para estes negócios que poderão fazer com que a economia comece a produzir e conseguirmos de forma paulatina reduzirmos as importações que até

hoje ainda são visíveis no nosso país e têm enxugado bastante divisas que seriam importantes para investirmos em outras áreas.

O crédito mal parado na banca é uma realidade. Têm situação de projectos financiados dos quais os investidores não retornam o dinheiro recebido?
Até hoje a nossa experiência é muito diferente a que a banca tem vivido.

As formas em que a nossa economia assenta, levam-nos a perceber que não é muito o risco financeiro ou da garantia, mas o risco moral. A moral das pessoas em honrar aquilo que são as suas obrigações; nós salvaguardamos os nossos projectos fazendo o acompanhamento da gestão dos mesmos.

Indicamos um nosso funcionário que deverá ter assento no conselho e administração de todas as empresas nossas participadas e esta pessoa poderá ter uma posição relevante com direito a veto em questões importantes. Para que se consiga garantir efectivamente que o dinheiro do Estado está a ser bem gerido e aplicado naquilo para o qual foi solicitado.

Esta pessoa indicada pelo Fundo reporta-nos regularmente sobre a situação financeira da empresa e a injeção financeira de capitais é feita na medida das necessidades do projecto.

Esta filosofia de actuação do FACRA tem evitado situações de crédito mal parado e até hoje os resultados são positivos. Temos conseguido alinhar os projectos à estratégia do Fundo que está alinhada aos parâmetros internacionais aceites para que os projectos perdurem ao longo do tempo, porque precisamos que os projectos nasçam, cresçam e se perpetuem no mercado.

Este nível alto de crédito mal parado muitas das vezes deve-se também à falta de comprometimento do promotor do projecto. Uma coisa é ele estar envolvido no projecto, outra é ele estar comprometido

A vossa permanência nos projectos é por um período pré-definido ou em função da consolidação dos mesmos?

A nossa permanência varia num período entre 3 a 7 anos. Este é o tempo por nós identificado como necessário para o promotor ou o empresário levar o projecto avante. A nossa entrada nunca é definitiva. É sempre com um acordo de saída e este período é apenas para alinharmos o promotor a aquilo que são as ideias do FACRA e proteger os investidores, de modo a que, posteriormente à nossa saída, ele consiga caminhar obedecendo aos parâmetros que o poderão levar ao sucesso.

Aquando da vossa saída o promotor tem primazia na aquisição da vossa participação?

É prioritária a venda ao promotor. Em primeira instância a venda é proposta ao promotor. Mas caso o promotor não esteja em condições ou queira partilhar o risco com outros investidores damos essa possibilidade.

Ainda temos as vertentes da venda da bolsa e a venda livre.

De que forma os potenciais empresários podem aceder aos vossos serviços?

O processo é bastante simples, prático e interactivo. Desde que o promotor tenha uma iniciativa que vá de encontro aos critérios de elegibilidade do FACRA ele pode submeter o projecto à nossa instituição. E caso o processo seja viável e favorável para nós é aprovado.

O processo até à sua aprovação ou não poderá variar no máximo até um mês. A dinâmica tem sido boa, temos uma equipa bastante rápida. Todas as etapas desde a entrega do projecto até à fase fi-

«Entramos com até 49 por cento do valor total do projecto»

BALANÇO Reforçar objectivos

Que avaliação faz dos cinco anos de existência do FACRA?

A avaliação é positiva porque os resultados estão à vista, embora tenhamos tido os constrangimentos normais da economia em decorrência da conjuntura económica e financeira menos favorável que o país vive, que gerou alguma redução no nível de confiança entre os distintos agentes económicos. Por exemplo, conseguimos atingir as nossas metas no ano passado e este ano temos estado a caminhar para isso devido às nossas políticas resilientes, que mesmo numa situação menos boa, encontramos mecanismos para contornar e dar seguimento à nossa missão.

Quando fala de metas alcançadas no ano passado está a falar de quê concretamente?

Temos definidas metas anuais para níveis de aprovação de projectos. Aprovámos oito projectos no ano passado e isso de alguma forma satisfaz-nos porque falamos em investimento de capital de risco. E neste tipo de investimento ter oito projectos aprovados em um ano é satisfatório e de alguma forma casa com aquilo que são os nossos interesses no mercado.

Estamos a falar de projectos de micro, pequenas e médias empresas?

Estamos a falar nos três segmentos porque a nossa missão é investir nestes grupos de empresas. E quando seleccionamos empresas é nesta vertente.

PERFIL

Teodoro de Jesus Poulson é economista de profissão trabalhou no BNA durante 10 anos de onde saiu para o FACRA em 2012. Tem 38 anos de idade e é casado. Os tempos livres são dedicados à prática de desportos, leitura e passeios.



nal da aprovação e até mesmo do investimento é um processo interactivo.

Olhamos para os projectos de forma aberta, não temos qualquer favoritismo.

A inovação é um dos critérios utilizados para melhor classificar os projectos, porque entendemos que a inovação é o que diferencia um plano dos outros, gerando vantagem competitiva a médio e longo prazo. Por isso os projectos com alguma inovação estão em vantagem em relação aos que não têm.

Quais são os planos futuros do Fundo?

Aumentar o número de empresas em que o Fundo investe em outras regiões do país para que os investimentos não fiquem apenas em Luanda. Precisamos também de sentir outras iniciativas no interior de modo a que nestas províncias sintam o nosso trabalho.

Existem planos concretos para saírem de Luanda?

Temos alguns projectos em que investimos no interior do país mas precisamos aumentar para que também haja mais oportunidade de emprego para os jovens a nível das outras províncias.

Isso não passa também por uma maior divulgação da existência do FACRA como instituição de financiamento?

Temos feito o máximo que podemos. Temos participado em vários eventos por todo o país, promovemos eventos com a participação de empreendedores nacionais para que a informação seja bem passada.

Precisamos insistir, entrar nos grémios empresariais para que o nosso nome, marca e trabalho seja visto, reconhecido e contactado. É isso que queremos, mas por vezes tem sido um pouco difícil.

O FACRA não investe mas co-investe. É preciso que o promotor tenha os 51 por cento do capital necessário para determinada iniciativa. Este montante não precisa tanto ser em valor financeiro, pode ser em equipamentos ou em infra-estruturas para que possamos ver que há alguma coisa feita.